

Empresários defendem entendimento

ROBERTO CUSTÓDIO
Da Sucursal

São Paulo — Perplexo e atordoado com o cruzamento de informações conflitantes sobre um novo choque na economia, o empresariado paulista só vê uma saída para o País superar essa nova crise: um amplo entendimento nacional, maior do que o simples pacto contra a inflação tentado entre empresários e trabalhadores de São Paulo. Essa posição foi defendida ontem pelos empresários Edson Vaz Musa, presidente da Rhodia, maior empresa de capital francês no País, e José Mindlin, do grupo Metal Leve, ao participarem de uma homenagem ao ex-presidente da Petrobrás, Ozires Silva.

Antes da homenagem, os diretores do departamento de economia da Fiesp se reuniram com o presidente da entidade, Mário Amato, para fechar o documento que está sendo preparado pelos empresários no chamado pacto antiinflação a ser discutido com o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, possivelmente nesta sexta-feira, em Brasília. A Fiesp ainda faz segredo do documento, mas se sabe que se fundamentará, em linhas gerais, na recomendação para ataque profundo ao déficit através de um choque fiscal. Defesa do processo de privatização e da necessidade de um entendimento nacional.

“Eu estou perplexo como todo o mundo, empresários, trabalhadores, políticos e toda a sociedade. Só não estou perplexo quem é mal-informado”, afirmou Mindlin, ao fazer uma avaliação da conjuntura econômica e se manifestar contrário a qualquer medida “heróica” das autoridades econômicas. “O Brasil precisa de uma solução mas eu não sei qual é essa solução”, confessou, destacando entretanto ser inconveniente um choque na economia, que ficaria mais desorganizada do que está neste momento. Para Mindlin, a política econômica deve seguir no caminho traçado pelo ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, com medidas para implantação gradual, entre as quais, um esforço da política fiscal, que considera muito fraca no momento.

O presidente da Rhodia, Edson Musa, disse não ver razão para um choque econômico neste momento, mas admitiu que as pressões políticas podem fazer o Governo a pensar em soluções desse tipo. No seu setor, entretanto, ainda não estão sendo sentidos os efeitos da expectativa de um novo choque: as vendas no mercado interno estão estáveis e o setor exportador cresceu 125 por cento no primeiro semestre de 88. Também o presidente do Grupo Ultra, Paulo Cunha, reconheceu os problemas causados pelas pressões por medidas urgentes na economia. “Essa expectativa de um pacotão causa muita angústia e esse é um sentimento que eu percebo ser geral no meio empresarial”, disse.

Segundo o presidente da Federação do Comércio, Abram Szajman, que articula com o presidente da Fiesp, Mário Amato, o pacto antiinflação na área empresarial e junto a sindicatos paulistas, disse que existe o entendimento prévio de que a situação não pode piorar ainda mais e deve ser feito urgentemente. Para ele, uma saída é desincentivar parte da economia.